



Centros Juvenis de Ciência e Cultura

Documento-Base

1. Contexto

Garantir educação de qualidade é um dos grandes desafios deste início de século. A proficiência de estudantes baianos e brasileiros encontra-se em níveis pouco satisfatórios. No ensino médio, a Bahia - juntamente com a maioria dos estados do país - tem encontrado dificuldades para avançar no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB e, de acordo com os dados de 2014, encontra-se abaixo da média nacional.

Esta situação evidencia a necessidade de ampliar o tempo dos estudantes na escola e qualificar esta permanência, intensificando o interesse do aluno pelo seu processo de aprendizagem e oferecendo oportunidades de aprofundamento dos estudos.

No cerne da questão está o valor que a escola pública tem para o estudante e, como consequência, o envolvimento dele em seu processo de aprendizagem. Evidentemente desconectada do “mundo lá fora”, a escola perdeu o status de local privilegiado de acesso ao conhecimento. Entre os estudantes, é percebida como um lugar “chato”, sem disposição para escutá-los, com o qual têm pouca identidade (UNICEF, 2014).

A educação de qualidade no contexto atual, portanto, passa por redesenhar a escola como um ambiente interessante para os estudantes, no qual eles não apenas se sintam acolhidos como também sejam instigados, desafiados a comprometer-se com o seu percurso formativo.

Neste mundo cheio de demandas e atrativos, é preciso resgatar o valor público da escola pública; atualizar a própria concepção de escola e o seu papel num contexto de circulação do conhecimento em rede e alta diversidade de modos e formatos de aprendizagem.

2. Conceito

Os Centros Juvenis de Ciência e Cultura – CJCC são uma iniciativa da Secretaria da Educação do Estado da Bahia para o fortalecimento da educação complementar, diversificação do currículo e ampliação de jornada. Foram instituídos formalmente a partir do Decreto nº 12.829, de 4 de maio de 2011, do Governo do Estado da Bahia, com o objetivo de:

(...) promover o acesso dos estudantes às temáticas contemporâneas, mediante estudos e atividades interdisciplinares que potencializam o funcionamento da rede escolar formal, com ênfase na compreensão dos fatos, questões, invenções, avanços e conquistas sociais, artísticas, culturais, científicas e tecnológicas, com reflexos na convivência humana e cidadã. (BAHIA, 2011)

Os Centros Juvenis são espaços interescolares, ou seja, operam sempre em diálogo com as escolas de ensino regular da rede estadual, de onde se originam os estudantes que participam das atividades dos CJCC. Essa característica "um para muitos" ao invés do tradicional "um para um" das escolas de educação integral multiplica o atendimento e, ao mesmo tempo, promove a convivência entre estudantes de diferentes escolas.

O funcionamento dos Centros Juvenis se assemelham, de certa forma, à extensão universitária, em que um conjunto de atividades é ofertado para a livre escolha e matrícula dos estudantes. É objetivo de toda atividade desenvolvida no Centro Juvenil incentivar os estudantes a criarem uma nova relação com o ato de aprender, motivada pelo prazer genuíno da descoberta.

As atividades pedagógicas desenvolvidas nos Centros Juvenis de Ciência e Cultura são fundadas em quatro pilares:

i. O estudante é autor de sua jornada

Com exceção de casos específicos¹, a participação ou não nas atividades dos Centros Juvenis é de livre escolha dos alunos. Freqüentar o Centro Juvenil é uma decisão pessoal, baseada nos interesses de cada estudante. Nesse sentido, a matrícula em uma ou mais atividades pedagógicas do Centro expressa o desejo do estudante em aprofundar seus conhecimentos ou, no mínimo, curiosidade por determinada temática. Qualquer que seja o caso, a participação nos Centros Juvenis é uma iniciativa do estudante, e não algo imposto a ele. Como tal, demonstra respeito pela capacidade do estudante de fazer escolhas e pela sua condição de protagonista da própria vida.

Essa abordagem traz o duplo benefício de: (a) identificar assuntos/ áreas de interesse significativos para o presente e futuro do estudante (inclusive no que se refere à vida profissional); (b) dar ao aluno a possibilidade de perseguir esses interesses e experimentar livremente, a fim de que possa conhecer mais e melhor os conteúdos que o motivam, nutrindo ou reorientando o seu entusiasmo para com eles.

Assim, os Centros Juvenis contribuem para transformar o ideal de estudante observador passivo para um aluno que experimente; pratique; teste os conhecimentos; que gere produtos; faça pesquisas por conta própria. Diante das rápidas mudanças do mundo, não há garantias de qual currículo contém os conhecimentos que os estudantes vão precisar para a sua vida - a competência mais importante a ser adquirida pelo estudante atual é aprender a aprender.

Coerentemente, todas as atividades propostas no âmbito dos Centros Juvenis devem ser desenhadas de forma a estimular investigações pessoais e gerar incursões autônomas na produção de conhecimento, sempre representadas por produtos que sintetizem o percurso formativo - de preferência, produtos que utilizem recursos multimídia, a fim de que possam ser compartilhados com outros estudantes, socializando a experiência vivida.

ii. A escola é conexão

¹ Há a possibilidade de outras unidades escolares estabelecerem parcerias com o Centro Juvenil local. Somente nesses casos, a decisão de participar das atividades do CJCC não é do estudante, mas de seu professor e da direção da escola onde está regularmente matriculado.

Durante muito tempo, a escola foi vista como espaço de conexão e explicação para o mundo. Hoje, é percebida como uma instituição apartada das dinâmicas sociais, pouco responsiva à tecnologia e refratária às variadas formas de produção de conhecimento e sociabilidade contemporânea (SIBILIA, 2012; KHAN, 2013).

Além disso, a escola não consegue se adaptar à natureza da produção do conhecimento no contexto atual. Hoje, o conhecimento é multiponto, produzido colaborativamente, em rede. A maioria dos professores ainda está vinculada à postura de "detentor do conhecimento", que deve ser "transmitido" ao *aluno*.

Na abordagem defendida pelos Centros Juvenis, cada docente deve se perceber e atuar como um curador, um orientador de estudos, que propõe aos estudantes um trajeto investigativo em meio ao infinito conhecimento disponível hoje em dia.

Já a escola precisa reconhecer-se como um dos muitos agentes de produção de conhecimento e, enquanto tal, dialogar com os outros elos dessa rede, a fim de maximizar as possibilidades de aprendizagem de seus estudantes - através do compartilhamento de conteúdos, pesquisas e um sem número de práticas que podem ser gestadas nessa colaboração. Nesse sentido, as universidades, em especial as públicas, são parceiros privilegiados dos CJCC.

Fundamental para estabelecer e consolidar o intercâmbio mencionado acima, o uso estruturado da tecnologia e da conectividade enriquece a experiência dos estudantes na escola, multiplica as possibilidades de exploração pedagógica, tanto na ponta do acesso ao conhecimento quanto na produção e no compartilhamento do mesmo com outros jovens e comunidades escolares. Ao montar experimentos repletos de sensores, programar robôs, inventar construtos, os estudantes transformam aulas teóricas em desafios práticos, cujo resultado vão perseguir obstinadamente já que tais produções são autorais, fruto de dedicação e reflexão intensas dos alunos.

A proposta dos Centros Juvenis encara a tecnologia a partir dos princípios da metarreciclagem e do reaproveitamento de materiais (SANTOS et al, 2013). Essa abordagem viabiliza a presença da tecnologia na escola, logo que boa parte das práticas ocorre sobre equipamentos/ produtos que seriam descartados. Por outro lado, permite que estudantes e professores desmistifiquem e compreendam equipamentos/ produtos presentes em seu dia a dia, utilizando a criatividade para dar novos usos e reinventar esses materiais.

iii. O conhecimento é transmídia

Quando foi inventada, a imprensa era algo revolucionário: permitiu democratizar o conhecimento, popularizar diversos estilos e modos de ficção, facilitar imensamente o avanço científico e tecnológico através do registro acessível de práticas e procedimentos.

Pode-se dizer que, hoje, diversas linguagens multimídia - imagem, áudio, audiovisual, games, hipertexto, mídias móveis e as suas variadas combinações - cumprem papel

semelhante, explorando possibilidades antes inexistentes dada a limitação tecnológica do binômio escrita/ leitura (que, por sua vez, também passa por transformações com a popularização de tecnologias e suportes digitais).

Apesar da entrada em cena dessas linguagens - algumas já há bastante tempo -, a escola ainda permanece refém da leitura/ escrita. Isso limita o potencial de suas atividades pedagógicas, força exercícios desnecessários de abstração, restringe o encantamento do ambiente de aprendizagem. Conseqüentemente, o “mundo lá fora” torna-se muito mais sedutor; já a escola perde em atratividade e em potencial pedagógico (PRETTO, 2013).

Assumindo a perspectiva de que o conhecimento hoje é transmídia (JENKINS, 2008), isto é, transita permanentemente entre as várias linguagens e mídias, os Centros Juvenis esforçam-se para incorporar esta riqueza contemporânea em todas as suas atividades pedagógicas e, inclusive, na composição do ambiente escolar.

iv. Aprender é divertido

Tanto a experiência recente dos Centros Juvenis quanto um número significativo de outras iniciativas nacionais e internacionais demonstram que o processo de aprendizagem pode (e deve) ser divertido. Divertido no sentido de envolvente, empolgante, mobilizador - justamente o contrário da apatia revelada em diversas pesquisas realizadas com estudantes (UNICEF, 2014; FGV, 2009).

Para tanto, é necessário um esforço de análise e investigação no momento de elaboração da atividade pedagógica, a fim de tentar antever a sua capacidade de engajar os estudantes. Da mesma forma, cada atividade deve ser constantemente revisada e reavaliada, visando aumentar cada vez mais o comprometimento dos estudantes.

Por definição, as atividades dos Centros Juvenis devem prever experimentação, práticas, extrapolar o espaço físico da sala de aula, seja de forma física ou digital, de preferência por ambas.

Além disso, o envolvimento dos estudantes com os processos de aprendizagem conduzidos nos CJCC deve ser fortalecido através do recurso aos *universos ficcionais afetivos* dos estudantes (RUBIM, 2015). A forte presença da multimídia e da conectividade nos Centros Juvenis permite o uso de personagens, enredos e trechos de obras de ficção adoradas pelos estudantes. A intenção aqui é fazer uma “transfusão de afeto”: “contaminar” a atividade pedagógica com o afeto preexistente, nutrido por esses universos ficcionais.

Assim, sob a égide dos pilares descritos acima, os Centros Juvenis oferecem aos estudantes do ensino médio – seu público-alvo preferencial – uma grande diversidade de cursos e oficinas, além de outras práticas pedagógicas, que, a partir de uma abordagem interdisciplinar (MORIN, 2001), promovem o aprofundamento dos conhecimentos dos alunos.

A disseminação de metodologias na rede estadual é parte da missão dos Centros Juvenis de Ciência e Cultura. Nesse sentido, a expectativa é que após certo período de experimentação, as metodologias desenhadas e testadas nos CJCC sejam compartilhadas com outras escolas públicas da rede estadual.

3. Público alvo, oferta e matrícula

Os Centros Juvenis de Ciência e Cultura são espaços interescolares, que oferecem educação complementar aos alunos da rede estadual de ensino. Funcionam nos três turnos, assim, os estudantes regularmente matriculados têm outros dois turnos como opção para frequentar o CJCC.

O público-alvo prioritário dos CJCC são os estudantes do ensino médio das escolas públicas da rede estadual de ensino. O foco se estende ao do nono ano do ensino fundamental, na medida em que estão prestes a entrar no ensino médio. Há, ainda, ofertas pontuais - experimentos pedagógicos - de atividades para outras modalidades e séries, bem como para a comunidade do entorno de cada CJCC.

A matrícula nos Centros Juvenis não é anual ou semestral. Os estudantes matriculam-se em cada curso/ oficina por vez, podendo frequentar vários ao longo do ano, inclusive simultaneamente. Também podem ser estabelecidas parcerias com outras unidades de ensino da rede estadual, nas quais turmas inteiras passam a frequentar o CJCC, no horário da aula regular.

As atividades pedagógicas possuem duração variável, a maioria delas entre 15 e 30 horas. Em geral, são oferecidas em ciclos (três ou quatro por ano), que têm início 15 dias após o começo das aulas regulares da rede estadual. Além dos cursos e oficinas, os Centros Juvenis oferecem atividades pedagógicas que não demandam matrícula. Essas atividades podem ser contínuas (cineclube; clube de leitura etc.) ou pontuais, como mostras a cada conclusão de ciclo e ações no Encontro Estudantil Educar para Transformar (anual).

Não existem provas de aferição de conhecimento², e, sim, uma demanda pela participação ativa dos estudantes – o que não significa ausência de rigor no desenvolvimento das atividades.

Mobilização de estudantes

A mobilização de estudantes para participarem das atividades dos Centros Juvenis é o maior desafio de cada unidade inaugurada. O ineditismo dos Centros Juvenis requer a apresentação da iniciativa a diretores de escolas, professores e, principalmente, estudantes.

² Exceto em casos específicos, como, por exemplo, um curso básico de inglês, baseado em graus de proficiência, que só podem ser ultrapassados mediante o alcance de uma média de pontos.

Este é um esforço complexo, um misto de informação e sedução, na medida em que a comunidade escolar precisa ser suficientemente envolvida, e conhecer, ao vivo, o CJCC. Para tanto, este processo deve ser criativo, cativante, surpreender seu público alvo e estimular sua curiosidade e imaginação.

Todos os membros do Centro Juvenil - diretores, professores, monitores e funcionários - são co-responsáveis pela mobilização de estudantes para participarem nas atividades do Centro Juvenil, que deve ser coordenada pela direção.

4. Estrutura funcional

Atualmente, existem dois Centros Juvenis em funcionamento, em Salvador e em Senhor do Bonfim. Entre 2015 e 2018, serão inaugurados pelo menos mais oito centros (dois por ano).

Os Centros Juvenis obedecem à seguinte estrutura funcional:

- i. Coordenação Geral – responsável por definições globais relativas aos Centros e pela manutenção do programa, parte integrante da Diretoria de Educação Básica/ SUPED.
- ii. Núcleo de Desenvolvimento de Práticas Pedagógicas e Conteúdos Digitais – para análise de objetos e conteúdos educacionais existentes, adaptação e disponibilização para professores e estudantes - atualmente integrado à Rede Anísio Teixeira/ IAT.
- iii. Unidades dos Centros Juvenis de Ciência e Cultura.

A estrutura funcional de cada CJCC é a seguinte:

- iv. Diretor – responsável por todos os aspectos relativos ao funcionamento da unidade que gerencia. Também coordena a mobilização de estudantes para as atividades ofertadas pelo CJCC. Tem mandato de dois anos (renovável por mais dois) e é escolhido por edital. Juntamente com os vice-diretores, responde diretamente à Coordenação Geral.
- v. Vice-diretores - São três vice-diretores, um para cada turno. Eles assessoram o diretor no gerenciamento do Centro Juvenil e podem substituí-lo quando necessário. Os vice-diretores devem assumir entre si as coordenações: pedagógica, financeira, administrativa. Os vice-diretores devem cumprir o restante de sua carga horária como professores do Centro.
- vi. Professores - docentes da rede estadual de ensino, responsáveis por elaborar e lecionar cursos e oficinas, bem como apoiar a direção da unidade na concepção e

execução de estratégias de mobilização de estudantes para as atividades oferecidas.

- vii. Monitores – responsáveis pelo apoio aos docentes na concepção e execução das atividades pedagógicas. Os monitores são bolsistas universitários, contratados de acordo com a necessidade de cada Centro.
- viii. Secretário Escolar – auxiliar direto da direção, responsável pela análise e emissão de documentos para estudantes e pelo acompanhamento do diário oficial.
- ix. Funcionários – profissionais que auxiliam a diretoria e os docentes no que for preciso.
- x. Parceiros prioritários - Universidades e centros de produção de conhecimento – instituições de referência que, através de convênios com a Secretaria de Educação, realizam atividades em conjunto, podendo, inclusive, projetar cursos e outras atividades para os CJCC.

5. Estrutura física

A estrutura física de cada Centro Juvenil pode sofrer variações de acordo com as condições dos locais onde os CJCC serão instalados – via de regra espaços existentes na própria rede pública estadual de ensino, sempre privilegiando edificações previamente existentes.

Está prevista uma configuração mínima de: cinco salas multiuso; dois laboratórios (ciências e artes); sala de leitura; sala da direção; sala de professores; dispensa e depósito de alimentos, além de um jardim do conhecimento, composto por experimentos científicos interativos. Nos CJCC em que houver maior disponibilidade de espaço, serão privilegiados os ambientes multiuso.

6. Referências bibliográficas

BAHIA. Governo da Bahia. Decreto nº 12.829 de 4 de maio de 2011. Salvador, 2011. Disponível em:
<<http://www.educacao.ba.gov.br/sites/default/files/private/midiateca/documentos/2013/decreto-12829.pdf>>. Acesso em: 20 abril 2014.

BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Centros Juvenis de Ciência e Cultura. Salvador, 2012. Disponível em: <<http://institucional.educacao.ba.gov.br/centrosjuvenis>>. Acesso em: 20 abril 2015.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho, que aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. (Série Legislação; n.125)

FGV. Motivos da Evasão Escolar. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <www.cps.fgv.br/cps/tpemotivos>. Acesso em 21 abril 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUZINGA, J. Homo Ludens. A Study of the Play-Element in Culture. Routledge & Kegan Paul. Londres, 1949. Disponível em: <http://art.yale.edu/file_columns/0000/1474/homo_ludens_johan_huizinga_routledge_1949_pdf>. Acesso em: 21 abril 2015.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

KHAN, Salman. Um mundo, uma escola - a educação reinventada. Edição digital. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MORIN, Edgar (Org.). A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PRETTO, Nelson de Lucca. O desafio de educar na era digital: educações. Revista Portuguesa de Educação, Braga, 24(1), p.95-118, 2011.

PRETTO, Nelson de Lucca. Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia. 8ª. ed. rev. e atual. Salvador: EDUFBA, 2013. 286 p.

ROBINSON, Ken. How Schools Kill Creativity. 2006. Disponível em:<www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity>. Acesso em 02 maio 2015.

RUBIM, Iuri. Novas interfaces entre cultura e educação: a implantação dos centros juvenis de ciência e cultura. 2015. Texto inédito.

SANTOS, C. et al. Contribuições do Processo de Metareciclagem na Mediação das Relações entre Educação e Tecnologias, 2013. Disponível em: <<http://www.tise.cl/volumen9/TISE2013/673-676.pdf>> Acesso em 06 jul. 2015.

SIBILIA, Paula. Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

UNICEF. 10 desafios do ensino médio no Brasil: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos. 1ª edição. Brasília, DF: UNICEF, 2014.